



Carta de Descartes a Mersenne

Amsterdam, 18 de março de 1630¹

[...]

Sobre tua questão, de saber se é possível estabelecer a razão do belo, é a mesma que perguntavas anteriormente, por que um som é mais agradável que o outro, ainda que o termo *belo* pareça relacionar-se mais particularmente ao sentido da vista. Mas, geralmente, nem o belo nem o agradável significam algo além de uma relação entre nosso juízo e o objeto; e porque os juízos dos homens são tão diferentes, não se pode dizer que o belo e o agradável tenham uma medida determinada. E eu não saberia explicar melhor do que eu fiz outrora em minha Música; usarei aqui os mesmos termos, porque eu tenho o livro em mãos: *Entre os objetos do sentido, o mais agradável ao ânimo não é o que é mais facilmente percebido pelo sentido, e nem também aquele que é mais dificilmente; mas que não é tão facilmente que satisfaça inteiramente o desejo natural, pelo qual os sentidos são dirigidos para os objetos e nem tão dificilmente, que fatigue o sentido.*

Eu explicava *aquilo que é facilmente ou dificilmente percebido pelo sentido*, como, por exemplo, os compartimentos de um canteiro, que consistirão apenas de uma ou duas espécies de figuras, arranjadas sempre do mesmo modo, e serão compreendidos muito mais facilmente que se tivessem dez ou doze, e arranjadas diversamente; mas isso não quer dizer que se possa nomear absolutamente um mais belo que o outro; mas segundo a imaginação de alguns, aquela de três espécies de figuras será a mais bela, segundo a imaginação de outros, aquela de quatro, ou de cinco, etc. Mas o que agradará a mais pessoas poderá nomear-se simplesmente o mais *belo*, o que não poderia ser determinado.

Em segundo lugar, a mesma coisa que faz que alguns tenham vontade de dançar pode fazer que outros tenham vontade de chorar. Pois isso não vem senão do fato de que as ideias que estão em nossa memória são excitadas: como, aqueles que tiveram outrora o prazer de dançar quando era tocada certa ária, tão logo ouçam algo semelhante, a vontade de dançar lhes reaparece; ao contrário, se alguém não tivesse nunca ouvido tocar galhardas sem que lhe viesse, ao mesmo tempo, alguma aflição, ele se entristeceria, infalivelmente, quando as ouvisse outra vez. O que é tão certo que julgo que se alguém tivesse batido em um cão cinco ou seis vezes ao som do violino, logo que ele ouvisse outra vez essa música, começaria a latir e a fugir.

O som das flautas é gerado e modifica-se de tal maneira.

Seja a flauta ABCD; o sopro que passou por A divide-se ao chegar em B; uma parte sai pelo furo B, o outro passa todo ao longo da flauta até D. Ora, é preciso observar que o vento que sai por B dissipa-se facilmente ao ar livre, mas aquele que quer passar ao longo do tubo, quando está ainda em B, não pode ir mais além se não afastar o ar que lhe está mais próximo, e se este não empurrar,

1 B Let

ao mesmo tempo, o seguinte, e assim até D; e é o que faz que o som se forme, ao mesmo tempo, em toda a concavidade da flauta, como eu tratarei de explicar mais distintamente em meu Tratado. E é também isso mesmo que o modifica, pois, quanto mais longa é a flauta, tanto mais o ar que está contido nela resiste ao vento que sai da boca e, por conseguinte, é afastado mais lentamente; Donde decorre que o som é mais grave. Ora, isso se faz através de pequenas vibrações, as quais correspondem às idas e vindas das cordas.

Tradução:

Henia Laura de Freitas Duarte (UFU/CAPES)

Revista digital: www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/modernoscontemporaneos



This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.